

NOTAS PARA UM NOVO CONCERTO LITERÁRIO: LUIZ ANTONIO DE ASSIS
BRASIL NAS HISTÓRIAS DA LITERATURAProf^a Dra. Mairim Linck Piva¹

(Universidade Federal do Rio Grande)

Prof^a Ma. Cibele Hechel Colares da Costa²

(Universidade Federal do Rio Grande)

393

RESUMO: O estudo busca rever o lugar que o romancista sul-rio-grandense Luiz Antonio de Assis Brasil ocupa no cânone da literatura brasileira e da literatura sul-rio-grandense. Essa revisão se dá a partir da leitura de diversas histórias literárias, tanto de cunho nacional quanto regional, e da observância de que, em geral, o autor está atrelado à temática de cunho regionalista. Alguns historiadores da literatura, no entanto, vêm observando uma modificação no sentido de que o romancista transcende o regional ao dar um tom intimista às suas personagens, mesmo diante de fatos históricos. Para corroborar com essa visão que está emergindo da possível posição do escritor, são utilizados como pressupostos teóricos obras de autores como Lukács, Menton e Hutcheon, a fim de perceber o hibridismo do gênero romance histórico nas obras de Assis Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: história da literatura; Luiz Antonio de Assis Brasil; romance; literatura sul-rio-grandense; intimista.

ABSTRACT: This study aims to review the place that the South Rio Grande novelist Antonio Luiz de Assis Brasil occupies in the canon of Brazilian literature and South Rio Grande literature. This revision takes place from reading various literary stories, in the national and regional basis. In general, the author is linked to the theme of regionalism. Some literary historians, however, have observed a change in that direction; the novelist transcends regional theme to give an intimate tone to his characters, even considering historical facts. To corroborate this vision about a new position of the writer, it is used the theories of Lukács, Menton and Hutcheon, in order to realize the hybridity of the historical novel in the works of Assis Brasil literature.

KEYWORDS: History of literature; Luiz Antonio de Assis Brasil; novel; south riograndense literature; intimate.

¹ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0769534518604079> - Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande/RS – Brasil. E-mail: mairimpiva@furg.br

² Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3886223641608784> - Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande/RS – Brasil. E-mail: cibele_colares@yahoo.com.br

O campo de estudos da história da literatura tem-se mostrado uma fecunda área de revitalização acerca de juízos emitidos sobre escritores e obras literárias ao longo dos tempos. Segundo Moreira (2002), a história da literatura tem procurado “afinar seus instrumentos de análise para um concerto ao mesmo tempo histórico e literário”. Sendo assim, debruçar-se sobre um escritor reconhecido procurando investigar novas formas de abordagem e novas perspectivas críticas sobre sua produção é um caminho instigante para o pesquisador literário.

O escritor Luiz Antonio de Assis Brasil é referenciado em variadas obras de história de literatura, atestando seu pertencimento a um estabelecido panorama literário brasileiro de forma inequívoca. A sua produção, com dezenove livros publicados até 2012, pode ser observada a partir dos diferentes lugares ocupados em algumas publicações. Para essa pesquisa, centrou-se o olhar em histórias literárias escritas por historiadores brasileiros em geral e procurou-se também analisar obras de estudiosos sul-rio-grandenses.

Optou-se, nesta pesquisa, por começar pelo olhar mais distante do contexto de produção do escritor sul-rio-grandense, ou seja, o olhar dos historiadores da literatura brasileira, para, a seguir, observar-se os historiadores que estão debruçados sobre a literatura sul-rio-grandense, seguindo ainda uma ordem cronológica de apresentação das publicações.

Ao se traçar um trajeto de análise acerca da fortuna crítica da ficção de Assis Brasil, destacaram-se as obras de Moisés (1993), Bosi (1994), Lajolo (2004), Weinhardt (2004), Esteves (2010), Nejar (2011), Schollhammer (2011), bem como de Marobin (1985), Zilberman (1992) e Fischer (2004), procurando perceber as diferentes posições que o romancista sul-rio-grandense ocupa no cânone de cada um desses historiadores.

A obra de Massaud Moisés (1993), *História da Literatura Brasileira*, apresenta o romancista no volume 5 – “Modernismo”, no qual Assis Brasil aparece no capítulo “IV. Terceiro momento modernista (1945- Atualidade)” e, no interior deste, no subcapítulo “Atualidade”. No capítulo em destaque, o romancista está ao lado de autores canônicos da literatura brasileira, como Armindo Trevisan, Ariano Suassuna, João Ubaldo Ribeiro, Silviano Santiago e os também sul-rio-grandenses Josué Guimarães e João Gilberto Noll.

Moisés (1993) refere-se a Assis Brasil como sucessor de Erico Verissimo, comparação que se repetirá em outras histórias literárias. Em geral, a comparação se dá pelo fato de ambos escreverem obras literárias buscando nos documentos históricos fonte para a escrita ficcional e, também, pelo grande número de obras literárias publicadas. Verissimo deixou um grande legado à literatura e Assis Brasil já publicou um significativo número de romances, permanecendo em constante produção. Quanto à questão da pesquisa em documentos históricos, Moisés destaca tal característica da obra de Assis Brasil, além de citar o nome de todas as obras escritas pelo escritor sul-rio-grandense que haviam sido publicadas até o momento da escrita da história literária em questão.

Observa-se, na sequência cronológica, a *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi, na qual se pode observar a breve menção ao nome de Assis Brasil, ocorrida no capítulo “VIII Tendências contemporâneas”, nos subcapítulos “Permanência e transformação do regionalismo” e “A ficção entre os anos 70 e 90: alguns pontos de referência”. No primeiro subcapítulo, Bosi (1994) refere-se aos autores contemporâneos que continuam produzindo obras literárias que podem ser vistas como regionais, garantindo, assim a permanência da temática nos romances brasileiros e, ao mesmo tempo, apresentando transformações, por conta da renovação de autores, entre eles Assis Brasil:

O Extremo-Sul, que já dispunha de uma tradição cultural regionalista bem estruturada manteve-a com Darci Azambuja (*No galpão*, 1951), Viana Moog (*Um Rio Imita o Reno*, 1939) e Guilhermino César (*Sul*, 1939) e, na linha do romance de intenção participante, Ciro Martins (*Porteira Fechada*, 1944) e Ivã [sic] Pedro Martins (*Fronteira Agreste*, 1944). De Santa Catarina é Guido Wilmar Sassi, autor de *Amigo Velho* e *São Miguel* (1962). Do gaúcho Luís Antônio de Assis Brasil é o excelente romance histórico *Um Quarto de Léguas em Quadro*, de 1976. (BOSI, 1994, p. 427)

A obra citada por Bosi é o primeiro romance publicado de Assis Brasil, e a crítica, embora breve, é positiva, dada a forma como o historiador refere-se à obra: um “excelente romance histórico”, separando-o dos demais autores do Rio Grande do Sul e conferindo-lhe maior destaque. Assim como Lajolo (2004), Bosi comete o equívoco de mencionar o nome do autor, grafando-o “Luís Antônio”, com “s” em vez de “z”, exclusivamente na citação recém-transcrita. No subcapítulo “A ficção entre os anos 70 e 90: alguns pontos de referência”, Bosi

elencas romancistas das décadas de 1970, 1980 e 1990, independentemente do tipo de romance que escreviam, considerando-os pontos de referência na ficção brasileira, entre eles estão João Ubaldo Ribeiro, Moacyr Scliar, Josué Guimarães, Sinval Medina, Tabajara Ruas, Nélida Piñon e Luiz Antônio de Assis Brasil, com destaque para o grande número de escritores do Rio Grande do Sul, ao lado de importantes nomes do cânone brasileiro.

Na obra *Como e por que ler o romance brasileiro*, de Marisa Lajolo, publicada em 2004, pode-se observar uma breve menção a Assis Brasil no capítulo de abertura, o qual tem o mesmo título do livro, “Como e por que ler o romance brasileiro”. Como mencionado, destaca-se o equívoco na grafia do nome do escritor. A historiadora afirma que Assis Brasil é seu “escritor-de-fê” e faz referência à obra *A Margem Imóvel do Rio* (2003). No capítulo inicial de seu livro, Lajolo remonta à sua trajetória de leitora, por isso a grande importância da citação que ela faz a Assis Brasil, colocando-o junto às suas preferências pessoais enquanto leitora do romance brasileiro. Mesmo em se tratando de um capítulo no qual Lajolo expõe suas preferências pessoais de leitura, nele é também desenvolvido um breve exercício crítico da obra de Assis Brasil:

Beleza! A tradicional falta de certezas do leitor se transfere para o protagonista. Assim como nós – *pobres-leitores-me-engana-que-eu-gosto* -, a personagem-historiador também ganha uma pulga atrás da orelha: ele pode ou não pode confiar no que dizem os papéis? E nós? Que diferença há entre os papéis que são *história de romance* e os que são só (!) *história*? É por esse fio de navalha entre o verdadeiro e o verossímil que Luís Antonio de Assis Brasil me leva. O que não é nada pouco nem trivial! (LAJOLO, 2004, p. 22-23)

Lajolo, com uma linguagem mais coloquial, apresenta importantes características da obra *A margem imóvel do rio*, apontando, principalmente, para as relações entre verdadeiro e verossímil (*um fio de navalha*, conforme a autora se refere) e o modo como o autor as trabalha de forma peculiar na obra, aliás, como em grande parte de sua produção literária.

Outra obra no campo ensaístico da história da literatura é a de Marilene Weinhardt, *Ficção histórica e regionalismo: estudo sobre romances do Sul* (2004), na qual a autora se propõe a mostrar o cruzamento do discurso histórico com o discurso regional, o qual se dá, segundo ela, no discurso ficcional. Weinhardt estabelece alguns recortes em relação ao seu

objeto de estudo: o primeiro é o geográfico, pois ela trata como romances do Sul os que foram publicados nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; o segundo é de ordem temporal, visto que ela opta por incluir no estudo apenas obras publicadas entre os anos de 1958 e 1990.

Ao partir de tais escolhas, a estudiosa propõe uma tipologia, definindo três categorias básicas: os “Desenraizados” (que apresentam obras com relatos de conquista, posse e colonização), as “Lutas armadas” (em que estão as obras que possuem temática centrada em episódios históricos que culminaram em ações bélicas) e o “Cotidiano: painéis e retratos” (que trata de obras em que o tempo ficcional é o passado, mas a referência central é o cotidiano de indivíduos ou grupos sociais).

O escritor Assis Brasil é um dos romancistas mais mencionados ao longo do estudo de Weinhardt (2004), considerando que ela faz referência a praticamente todos os romances por ele publicados até a data de conclusão do estudo. Os três primeiros romances do escritor possuem maior destaque; são eles, respectivamente, *Um quarto de légua em quadro* (1976), *A prole do corvo* (1978) e *Bacia das almas* (1981). Talvez isso ocorra pelo fato de eles comporem uma trilogia chamada de “mitos rio-grandenses”, na qual Assis Brasil discorre sobre importantes temas históricos do Rio Grande do Sul. Inclusive é possível que o fato de ele ter iniciado sua produção com romances de temáticas tão marcadamente históricas fez com que tenha ficado conhecido como um escritor de romances históricos.

Embora Weinhardt utilize em seu *corpus* de pesquisa romances dos três estados do sul do Brasil, ela destaca que, no extremo sul, provavelmente por conta das constantes lutas e episódios bélicos, germinaram muitas obras com temáticas de lutas:

A alta cifra de obras dedicadas às lutas armadas é outra decorrência da história da região, sobretudo no que diz respeito ao extremo Sul, no passado palco quase permanente de episódios bélicos, inicialmente com as guerras de fronteiras, depois com as lutas libertárias e, finalmente, com as questões de política local. Ainda que os métodos de abordagem histórica mais atualizados desprezem o factualismo, as tensões que marcaram as épocas de maior violência estão interligadas à memória popular e periodicamente são reavivadas, às vezes para realimentar os mitos, mas sobretudo para exorcizá-los. (WEINHARDT, 2004, p. 33)

Com isso, a autora aponta algumas possibilidades para a permanência, ainda na atualidade, dessa temática nos livros publicados por escritores sul-rio-grandenses, como é o caso de Assis Brasil. Das possibilidades levantadas, pode-se destacar o fato de “exorcizar os mitos”, visto que muitas das narrativas que compõem essa linha temática buscam romper com antigas tradições, por vezes estabelecidas no imaginário do povo sobre acontecimentos históricos. Para exemplificar tal afirmação, pode-se pensar na Revolução Farroupilha, que teve uma imensa repercussão na história, não só do estado, mas do país, com vários mitos que a cercam.

Na obra de história da literatura de Carlos Nejar, publicada no ano de 2011, é possível notar a presença de Assis Brasil no capítulo 35, intitulado “Década de 1960. Ficção”. Nota-se um equívoco quanto à presença do romancista no capítulo em destaque, visto que a proposta deste é apresentar a ficção produzida ao longo da década de 1960 e Assis Brasil começou sua produção apenas em 1976. Com esse historiador da literatura, também se percebe a comparação estabelecida entre Assis Brasil e o romancista Erico Verissimo, referência constante nos diversos trabalhos de crítica e historiografia em que Assis Brasil é mencionado, conforme já dito.

No caso da comparação feita por Nejar (2011), ele aproxima os dois romancistas pelo fato de eles serem reconhecidos, pela crítica e historiografia literárias, por suas capacidades de desenvolverem narrativas extensas, destacando que as mesmas podem trazer temáticas referentes à história do Rio Grande, bem como relacionadas a uma simbologia que “vibra em duas direções – a do teatro grego e da profunda percepção da alma humana”. (p. 912-913). Nejar (2011) sublinha que a técnica de escrita utilizada por Assis Brasil, em especial, sofreu modificações com relação ao início de sua carreira literária, se comparada às suas produções mais recentes:

Em que pese, haja começado com técnica tradicional, influenciada pelo lusitano Eça de Queiroz, vai aos poucos assumindo novas formas estilísticas, vai aprofundando a psicologia dos personagens, vai caminhando roseamente para *a terceira margem do rio*, ou ao horizonte de outro rio, que é o próprio desconhecido, que nele palpita e repercute em alegoria e mito. Assis Brasil trabalha a tensão entre a província e o mundo, a memória pessoal e a coletiva, não perdendo jamais a visão crítica. (NEJAR, 2011, p. 912-913)

No fragmento destacado, o estudioso cita também uma das influências estrangeiras na obra de Assis Brasil, por exemplo, Eça de Queiroz. Porém, conforme apontado por Nejar (2011), Assis Brasil amplia, com o passar de suas inúmeras publicações, suas formas de escrita, investindo cada vez mais na profundidade e na densidade psicológica de suas personagens.

Ainda no âmbito dos estudos historiográficos, Antônio Roberto Esteves publica, em 2010, *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. Na obra, além de fazer o que é proposto pelo próprio título, ou seja, apresentar os romances publicados no período em questão, caracterizados como romances históricos produzidos no Brasil, Esteves também faz uma introdução teórica bastante relevante aos estudos na área, trazendo para a sua discussão nomes de destacados teóricos que tratam do tema, bem como empreende a leitura crítica de alguns dos romances apresentados na sua cronologia.

Esteves (2010) enfatiza os livros de Assis Brasil, tanto ao longo da obra quanto nos anexos. No capítulo 3, “O romance histórico conta a história da literatura brasileira”, ele realiza uma análise crítica da obra *Cães da província* (1987), uma das obras mais referenciadas de Assis Brasil pelas histórias literárias. Para realizar tal análise, ele inicia um subcapítulo, “Diluindo o cânone desde as margens (o Qorpo Santo de Luiz Antônio de Assis Brasil)” e aponta os principais elementos que Assis Brasil utiliza para a sua construção narrativa. O autor atenta para o fato de tal obra ter sido a tese de doutorado de Assis Brasil na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), afirmando que “o crítico Assis Brasil, juntamente com o escritor Assis Brasil, discutem o escritor CamposLeão, aliás, Qorpo Santo” (ESTEVES, 2010, p. 153), tal como acontece com o professor Campos Leão, que discute com o dramaturgo Qorpo Santo, firmando-se o romance como uma obra metaficcional.

Dentre as obras mais recentes no campo da história da literatura, tem-se a de Karl Erik Schollhammer, intitulada *Ficção brasileira contemporânea* (2011), que delega um espaço pequeno ao romancista sul-rio-grandense, colocando-o no capítulo intitulado “Breve mapeamento das últimas gerações”. Neste, segundo o autor, tenta-se “flagrar o que acontece de significativo na ficção brasileira atual, de maneira a enxergar as continuidades e,

principalmente, as rupturas produzidas pelos escritores contemporâneos”. (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 21). Logo insere o escritor no subcapítulo “Da “Geração 90” a “00””, afirmando em relação à própria obra:

Desta maneira, chegamos talvez ao traço que melhor caracteriza a literatura da última década: o convívio entre a continuação de elementos específicos, que teriam emergido nas décadas anteriores, e uma retomada inovadora de certas formas e temas da década de 1970. Por exemplo, podemos detectar a sobrevivência do realismo regionalista, desde a década de 1930, um dos fundamentos da inclinação brasileira pelo realismo, em romances de Rachel de Queiroz, *Memorial de Maria Moura* (1992), Francisco J. C. Dantas e seu relato sobre o cangaço de Lampião, *Os desvalidos* (1993), o gaúcho Luiz Antonio Assis Brasil, com *Um castelo no pampa* (1992) e *A margem imóvel do rio* (2003), e o cearense Ronaldo Correia de Brito, com *Livro dos homens* (2005) e o romance *Galileia*, de 2008. (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 37)

A partir da citação anterior, é possível notar, primeiramente, um equívoco na grafia do nome do escritor, com a ausência da preposição “de”; em segundo lugar, percebe-se que o estudioso inclui o romancista junto àqueles autores que permaneceram utilizando elementos regionalistas nas temáticas de suas obras.

O interessante é que Schollhammer relata que os autores citados promovem uma retomada sob uma forma nova de temas da década de 1970, mas foi justamente nessa década que Assis Brasil começou a produzir seus romances e, desde então, sempre se manteve na referida linha temática. Então, provavelmente, para ele não seria uma retomada, mas uma continuidade nas suas publicações com, talvez, um crescimento amadurecimento e determinadas modificações na sua escrita, mas não em sua temática.

Destacam-se também as obras de cunho historiográfico produzidas no Rio Grande do Sul, entre elas, a de Regina Zilberman, *A literatura no Rio Grande do Sul*, edições de 1982 e de 1992, *A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos*, de Luiz Marobin (1985) e a de Luís Augusto Fischer (2004), *Literatura gaúcha*, todas voltadas para autores e obras regionais.

No estudo de Regina Zilberman (1982), o romancista Assis Brasil aparece no capítulo VI, "História e política no romance moderno", e nos seus dois subcapítulos, "A colonização" e "Eventos históricos e reflexos políticos". Neste capítulo, a autora lembra a Guerra dos

Farrapos como um importante evento histórico que forneceu material para romances, citando, inclusive, o romance *A prole do corvo*, publicado em 1978, de Assis Brasil. No subcapítulo "A colonização", o primeiro romance de Assis Brasil, *Um quarto de légua em quadro* (1976), é lembrado por Zilberman, pelo fato de ter mostrado os anos de formação do Rio Grande do Sul. No subcapítulo "Eventos históricos e reflexos políticos", novamente o escritor recebe um espaço de destaque; desta vez, a obra em foco é o seu segundo romance, *A prole do corvo*, anteriormente mencionado pela pesquisadora que, nesse subcapítulo, faz uma breve análise da obra.

Atribuindo espaço de destaque em sua obra para Assis Brasil, Zilberman mostra a importância que os seus romances tiveram para a literatura do Rio Grande do Sul. Ao referir-se aos dois primeiros, sublinha a possibilidade de se considerar que, já no início de sua produção literária, ele foi capaz de criar relevantes obras literárias.

A obra de Zilberman em foco possui uma segunda edição, publicada em 1992, atualizada e ampliada, com relação à publicação de 1982. Nesta mais recente, a estudiosa aborda novamente os dois primeiros romances da carreira literária de Assis Brasil e inclui novas narrativas do autor, visto que desde a última edição (1982) até a mais recente (1992) o escritor produziu um número significativo de obras. Sublinha-se o fato de Zilberman (1992) incluir o romancista em dois capítulos, diferente do ocorrido na edição passada. Na primeira (1982), ele estava no capítulo "História e Política", integrando os subcapítulos "A colonização" e "Eventos históricos", da mesma forma que na nova edição. Porém, ele está inserido na edição de 1992 também no capítulo "Existência urbana e ficção atual" e no subcapítulo "O intimismo", no qual é feita referência ao romance *As virtudes da casa*.

Assim, Zilberman, em duas edições de seu trabalho historiográfico, confere destaque ao romancista Assis Brasil, tanto por sua inclusão na obra quanto pela crítica de alguns de seus romances. Outro estudioso da literatura sul-rio-grandense a dar espaço ao romancista, em sua obra, é Luiz Marobin, em *A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos* (1985). Nesse volume, o capítulo que cabe a Assis Brasil é intitulado "Luiz Antônio de Assis Brasil e as Coxilhas sem Monarca", no qual o pesquisador destaca os quatro romances do escritor, publicados até o ano de escrita de seu trabalho historiográfico (1985):

Um quarto de légua em quadro (1976), *A prole do corvo* (1978), *Bacia das almas* (1981) e *Manhã Transfigurada* (1982).

No capítulo referente a Assis Brasil, Marobin faz um trabalho de crítica acerca dos quatro referidos livros do romancista, enfocando a temática abordada em cada um deles. Em relação ao romance de estreia do escritor, ele relata:

Primeiro de uma série de 4 romances sobre a evolução histórica do Rio Grande do Sul, “Um Quarto de Légua em Quadro”, de Luiz Antônio Assis Brasil, apresenta os inícios da saga gaúcha. A imigração açoriana é abordada em termos polêmicos. A maioria dos historiadores do passado havia descrito os imigrantes açorianos envolvidos numa áurea triunfalista. (MAROBIM, 1985, p. 123)

Este estudioso, no parágrafo inicial de crítica do romance inaugural de Assis Brasil, coloca o fato, referido também por outros estudiosos, de que estes primeiros romances do autor remetem à história do Rio Grande do Sul, em especial, aos episódios do começo da mesma. Isso porque, por exemplo, em *Um quarto de légua em quadro* (1976), o destaque é para a chegada dos primeiros imigrantes ao estado.

Outro texto de cunho historiográfico, enfocado no presente estudo, é *Literatura gaúcha*, de Luís Augusto Fischer (2004), no qual Assis Brasil é também referenciado de forma geral, justificável devido ao foco da obra de Fischer, que recai na formação da literatura gaúcha; não havendo, portanto, enfoque significativo à individualidade dos escritores. Apenas a Erico Verissimo é dedicado um capítulo exclusivo. A menção ao nome de Assis Brasil é feita no capítulo treze: “Anos 1960 e 1970: a literatura durante a Ditadura”, e no capítulo final: “Anos 1980 e 90: muita literatura média, mas alguma boa ousadia”.

No capítulo “Anos 1960 e 1970: a literatura durante a Ditadura”, Assis Brasil é citado ao lado de autores como Moacyr Scliar, Tabajara Ruas e Josué Guimarães, pois, segundo Fischer (2004), trata-se de escritores que produzem romances históricos. Relevante destacar que, para o historiador, Assis Brasil é o mais notável do grupo:

desde o primeiro romance, *Um quarto de légua em quadro* (1976), até agora, com exceção de uma novela, traça suas cativantes histórias com fios do passado sulino. Não gosta de ser classificado como autor de romance histórico, por bons motivos e com bons argumentos – ele é professor de Letras, afinal, e conduz há vários anos uma oficina de criação literária de grande prestígio – mas é certo que, do ângulo

crítico, quando acerta em cheio (como em *As virtudes da casa*, 1985) e quando nem tanto (no romance esquemático que tematiza a vida de Qorpo-Santo, *Cães da província*, 1987), é praticamente deste subgênero narrativo, afeiçoando-se ao desenho dos grandes painéis, alguma vez atravessando gerações (como na série *Um castelo no pampa*, da década de 1990), sempre em abordagem realista, ainda que mantenha atenção para os estados de alma dos personagens, mais que para cenas de ação”. (FISCHER, 2004, p. 120-121)

No capítulo final, no qual Assis Brasil é também referido, o autor aponta alguns nomes que produziram obras, segundo ele, significativas no período, e as divide, em sua escrita, por gênero literário. Muitos dos escritores citados por Fischer são originários da oficina de criação literária de Assis Brasil. Por isso, antes de tratar da obra do autor, Fischer menciona a importância da oficina de Assis Brasil, que influenciou a produção de escritores como Letícia Wierzchowski, Cíntia Moscovich, Michel Laub, Daniel Galera entre outros que se projetaram no panorama literário. Quando se refere à obra de Assis Brasil, Fischer coloca-o ao lado de Cyro Martins, Josué Guimarães e Sergio Faraco, comparando-os a Erico Verissimo. O estudioso acrescenta que há uma “ousadia narrativa”, na obra desses autores, que tentam superar uma antiga tradição de romances históricos sul-rio-grandenses.

Ao final da obra de Fischer existem três anexos, e Assis Brasil aparece em dois. No primeiro, "Mapa geral da narrativa gaúcha", ele é o escritor que inicia a lista dos autores mais representativos da literatura gaúcha entre 1960 e 1980. No terceiro anexo, "Quadro contrastivo sumário entre a literatura brasileira e a gaúcha", Assis Brasil aparece como o segundo nome, antecedido por Josué Guimarães, referente à produção do novo romance histórico, no período entre 1970 e 1990.

Após proceder ao estudo dessas obras de caráter historiográfico, foi possível observar as diferentes posições ocupadas por Luiz Antonio de Assis Brasil, em cada uma delas e em seus agrupamentos, considerando a metodologia utilizada para a pesquisa (historiadores estrangeiros, historiadores brasileiros e historiadores sul-rio-grandenses). Assim, faz-se necessária uma breve comparação entre algumas dessas obras, a fim de perceber e refletir possíveis diferenças entre os agrupamentos citados.

Moisés (1993) caracteriza sua obra como de “pulsão inventiva”; embora delegue pouco destaque a Assis Brasil, estabelece uma importante comparação, ao colocá-lo ao lado de Erico Verissimo, escritor regional com espaço garantido no cânone nacional. Outro historiador que se refere ao escritor é Bosi (1994), que não dá amplitude ao romancista, visto que a proposta de sua obra é apresentar uma história concisa da literatura produzida no Brasil e, por Assis Brasil não ser um autor que esteja presente, de acordo com o crítico, de forma mais significativa no cânone nacional, a ele não é dada ênfase.

Apontado por Lajolo (2004) como seu “escritor-de-fé”, Assis Brasil marca presença na história da intelectual brasileira; embora ele não seja amplamente mencionado, está em um capítulo de destaque, no qual Lajolo coloca seus escritores favoritos. No mesmo ano da obra da referida pesquisadora, tem-se a publicação de Weinhardt (2004), a qual se ocupa da produção do romancista em seu estudo, visto que seu foco é tratar de romances com temáticas históricas publicados no sul do país; por isso Assis Brasil está presente em praticamente todos os capítulos de sua obra. Além disso, é importante destacar que a estudiosa aborda grande parte dos romances do escritor lançados até a data de publicação do seu trabalho crítico e historiográfico.

Antônio Esteves (2010) propõe um enfoque nos romances históricos brasileiros produzidos entre 1975 e 2000, no qual Assis Brasil ganha amplo destaque, uma vez que ele é um romancista que publica grande número de romances históricos no Brasil, cuja produção inicia em 1976. Por fim, Schollhammer (2011) delega um espaço restrito ao romancista, talvez pelo fato de esse autor ser classificado pelo estudioso como um romancista regionalista, e o foco da obra historiográfica não recair em tal perspectiva temática.

Entre as duas histórias literárias de cunho regional, a de Zilberman (1982) é a que mais enfatiza o romancista Assis Brasil, inclusive fazendo o exercício de análise crítica dos seus dois primeiros romances. O fato de a obra de Zilberman ter sido publicada originalmente em 1982 deixa-a perto da data de publicação das primeiras obras de Assis (a primeira, publicada em 1976 e a segunda, em 1978), mostrando que, desde o começo de sua produção, o romancista já teve grande espaço no cânone regional.

A obra de Fischer (2004), por ter uma proposta mais voltada à apresentação da formação da literatura do Rio Grande do Sul e, também, por ser mais sintética, visando talvez a um público mais amplo, não se detém muito nos autores de forma individual e tampouco se preocupa com a crítica de suas respectivas obras. Mas, ainda assim, faz uma breve referência a Assis Brasil: é o único, inclusive, entre os historiadores da literatura referidos, a mencionar a importância do papel da oficina de criação literária, através da qual Assis Brasil influencia inúmeros escritores da nova geração da literatura produzida no Rio Grande do Sul. Relevante, por fim, é destacar o tom coloquial com o qual é construída a escrita de Fischer, bem distante do tom mais formal e acadêmico quando comparada às demais histórias literárias regionais observadas neste estudo.

Fica perceptível uma diferença na abordagem de Assis Brasil por parte das histórias literárias de cunho nacional e regional. Tal diferença ocorre, na verdade, mais em função do recorte escolhido pelo historiador da literatura para escrever suas obras do que por uma questão de esta ser nacional ou regional, pois Esteves (2010), mesmo fazendo um estudo de cunho nacional, dedica amplo espaço para Assis Brasil, uma vez que o recorte que ele faz, por ser mais específico e menor do que o de Bosi (2004), por exemplo, consegue dar um espaço maior ao romancista.

Comparando Zilberman (1982) e Fischer (2004), a relação é semelhante com a que ocorre nas histórias literárias de cunho nacional, pois o recorte de Fischer tem seu foco, conforme já mencionado, na formação literária gaúcha, momento do qual Assis Brasil não fez parte, visto ter começado a produzir em 1976, quando ela já estava formada e, por isso, o menor destaque em uma história literária regional. A obra de Zilberman, por sua vez, faz amplo exercício crítico de obras produzidas no Rio Grande do Sul, sem abandonar a natureza historiográfica, abrindo um espaço mais amplo ao romancista sul-rio-grandense.

Após leitura das histórias literárias explicitadas nesse estudo e, tomando como base, a leitura dos romances do escritor, pode-se refletir sobre a possibilidade de que a posição ocupada pelo romancista, em especial, nos estudos historiográficos de cunho nacional comecem a ser repensados, uma vez que em sua maioria apresentam tal autor apenas como um romancista histórico.

Assis Brasil pertence, de acordo com pesquisa realizada nos estudos historiográficos e críticos, a um grupo de escritores, considerados, em geral, regionalistas. Ao lado dele costumam estar os romancistas Tabajara Ruas e Josué Guimarães, considerados escritores que se dedicam à escrita de narrativas com preocupações acerca de questões relacionadas ao Rio Grande do Sul, mais detidamente à história do estado, o que ainda faz com que os romances em destaque sejam vistos como romances históricos.

As obras de Assis Brasil, em geral, são apontadas, por grande parte dos críticos e dos historiadores da literatura, apenas como romances históricos, visto que se passam em um tempo e em um espaço que remetem a fatos (ou personalidades) da história do Rio Grande do Sul. Porém, embora, apesar de pertencerem ao romance histórico, costumam apresentar um tom intimista, fato que diferencia o escritor e impossibilita uma categorização definitiva em relação a seu gênero e temática.

Nesse sentido, Assis Brasil rompe com a categorização a ele delegada de um romancista que escreve romances apenas voltados à história do Rio Grande do Sul, pois sua escrita vai além das preocupações sociais e políticas da história, à medida que, através da construção de suas personagens, ele demonstra preocupação em desvendar como os eventos históricos presentes na narração foram capazes de repercutir no interior das personagens.

O fato de o romancista transitar pelas temáticas regionalista e intimista o torna um autor híbrido, o qual não poderia ser classificado, de forma definitiva nas histórias da literatura, nem como um regionalista, nem como um intimista; poder-se-ia talvez, contudo, levantar a possibilidade de uma temática regional-intimista. Essa linha estaria condicionada a autores que, em suas obras, fossem capazes de trazer, ao mesmo tempo, elementos que remetam à ambientação sul-rio-grandense (seja pelos episódios ocorridos na história, seja pelas questões políticas) e, em concomitância, consigam estabelecer discussões relativas ao indivíduo, as quais possibilitem transcender o espaço e o tempo em que estão inseridos, ou seja, que não sejam pertinentes apenas ao Rio Grande do Sul e ao tempo de sua publicação, já que, dessa forma, a obra pode ser considerada universal e manter-se no cânone literário.

Destaca-se que mesmo com a expansão da narrativa intimista após a década de 1970, o gênero romance histórico ainda é uma constante na literatura sul-rio-grandense. Um dos

motivos para a permanência, ainda na atualidade, de publicações desse gênero pode estar atrelado a questões relativas aos mitos (em grande quantidade), construídos ao longo de décadas na historiografia sul-rio-grandense e com os quais a literatura vem trabalhando nesses romances considerados históricos. Ressalta-se que nem sempre a literatura vai ser conivente com as representações e visões apresentadas pela história tradicional acerca de determinado evento ou personalidade histórica, pois, muitas vezes, o seu papel, enquanto ficção, tem sido justamente problematizar e dessacralizar os mitos erigidos por longos anos nos diferentes discursos históricos. Nesse sentido, a estudiosa Maria Teresa de Freitas (1986) considera como mito justamente uma determinada:

representação idealizada de um determinado estado da humanidade, que fornece modelos exemplares para o comportamento humano e, dessa forma, atribui significado ao mundo e valor à existência humana; o pensamento mítico está portanto ligado às noções de ideal, de valor, de transcendência. (FREITAS, 1986, p.71)

Nesse sentido, pode-se compreender que o mito em torno da Revolução Farroupilha, por exemplo,³ trata-se de uma “representação idealizada” não só dos ideais que a permearam, mas também das figuras humanas que nela estiveram envolvidas (como Bento Gonçalves, Antônio de Souza Netto e David Canabarro), as quais deveriam servir como exemplos para os demais gaúchos, devido às qualidades plasmadas a elas pela historiografia, como a possibilidade de representarem bravos guerreiros e defensores dos ideais do estado perante o restante do país. Ainda nesse âmbito, pode-se também perceber que Bastos (2007) alude à força com que o romance histórico foi inserido na literatura do Brasil, em que se pode incluir também a literatura sul-rio-grandense:

Tão logo surgiu, no início do século XIX, o romance histórico obteve êxito imediato no mundo inteiro, inclusive no Brasil. E de tal modo identificou-se com o modelo romântico – imbuído de propósitos patrióticos na recuperação de um passado nacional glorioso, hiperbólico na atribuição de virtudes inexcusáveis ao herói – que esse modelo foi tomado não como uma de suas figurações possíveis, adstrito a um quadro de referências do momento literário, mas como sua forma inevitável. (BASTOS, 2007, p. 11)

³ Evento problematizado, por exemplo, no romance *A prole do corvo* (1978), de Assis Brasil.

Em certa medida, talvez um fato que tenha impulsionado a ampla criação de romances históricos na produção literária do Rio Grande do Sul tenha sido, ao menos no começo dessa produção, a possibilidade de exaltação e recuperação de um passado mítico. Este foi visto por alguns discursos historiográficos como glorioso e povoado de heróis capazes de servirem de exemplo para os homens contemporâneos à publicação dos romances.

Uma característica constante na produção do romancista Assis Brasil é a preocupação com o ser humano e não apenas com o fato histórico. A literatura de Assis Brasil parece preocupar-se, de forma contundente, em mostrar como o histórico é capaz de modificar o humano e de que forma isso ocorre no interior das personagens. Desse modo, a produção ficcional de Assis Brasil extrapola as características de um romance histórico à medida que inova sua escrita com a perspectiva intimista relacionada a elementos da história do Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, é preciso que nas histórias da literatura seja ampliado e repensado o lugar do romancista Assis Brasil, reivindicando-se um olhar para sua contribuição em diferentes veios temáticos, como, por exemplo, o intimista, o que colaboraria na ‘afinação’ dos instrumentos de leitura da obra ficcional visando um concerto de notas com maior ressonância no panorama das artes literárias.

Referências:

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Um quarto de légua em quadro*. Porto Alegre: Movimento, 1976.

_____. *A prole do corvo*. Porto Alegre: Movimento, 1978.

_____. *Bacia das Almas*. Porto Alegre: L&PM, 1981.

_____; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina. (orgs). *Pequeno dicionário de literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Novo Século, 1999. p. 116-117.

BASTOS, Alcmemo. *Introdução ao romance histórico*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.
- ESTEVES, Antônio R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975 – 2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.
- FREITAS, Maria Tereza de. *Literatura e história: o romance revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986.
- LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- LUKÁCS, György. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MOREIRA, Maria Eunice. História da Literatura: algumas considerações teóricas. *Revista VYDIA*, n.37. UNIFRA. Jan./junho 2002. p. 21-129. Disponível em: <http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2002/37/história.pdf>. Acesso em 25 de abril de 2014.
- MAROBIN, Luiz. *A literatura no Rio Grande do Sul; aspectos temáticos e estéticos*. Porto Alegre: Martins Livre, 1985.
- MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina*. México: Fondo de la Cultura Económica, 1993.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira – v. 5 Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- NEJAR, Carlos. *História da Literatura Brasileira: da Carta de Caminha aos contemporâneos*. São Paulo: Leya. 2011.
- SANTOS, Volnyr. *Luiz Antonio de Assis Brasil: romance & história*. Porto Alegre: Rigel, 2007.
- WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e regionalismo: estudo sobre romances do Sul*. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.

WHITE, Hayden. *Meta-história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. www.laab.com.br. Acesso em 15 de abr. 2014.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.